

†
Fecha-se brevemente o theatro lyrico e muito breve ha de abrir-se a Assembléa Provincial.

Do S. Pedro ao edificio da Legislativa a distancia é pequena. Cantase ali, ora-se acólla. E' todo questão de arte.

Em ambos os casos aquilata-se do merito pelos dotes vocaes.

Asim é que tanto em uma como em outra casa ha toda uma classificacão *ad hoc*: tenores, barytonos, sopranos, contraltos baixos etc.

Ambas as emprezas, o que é merito natural, tem seus empresarios: o de uma é o Sr. Stragné, o de outra... é até tollice dizer.

Ha *dilettantis* e não *dilettantis*. Somos do numero destes. Aquelles revelam-se conhecedores consumados da arte chromatica e expandem o enthusiasmo em uns admiráveis—oh! ah! Que *dó de peito*!

Dizem que destas notas se sabe dar o robusto pulmão do Sr. Silveira Martiás.

E' por isso que os seus amigos mordem-se surdamente de inveja.

Lá não chegarão. Pódem emital-o em tudo menos no tal *dó de peito*.

†
A proposito desta expressão, que vai assim passando como contrabando, eis um pedacinho que pôde servir de lição a muita boa gente.

« Querem conhecer o criterio musical do nosso publico em sua maioria? Vão ao theatro tyrico e prestem toda a attenção aos momentos de applausos, verão que só os merece o cantor que dá um grito, por exemplo o tenor quando solta o celebre *dó de peito*. »

« Não deixem tambem de notar as occasiões em que o artista manifesta sua proficiencia, muitas vezes em um *pianissimo* ou em uma phrase magistralmente dita, mas sem gritaria; e verão tudo isto passar desapercibido, de sorte que quando justamente o cantor se torna creador de sinceros applausos, é tratado com tal indifferença, que bem poderia elle dizer: perdi o meu latim »

Ah! como isto é applicavel aos *habitués* do nosso lyrico!

†
S. M., encerrando a terceira sessão da Assembléa Geral Legislativa e convocando a sessão extraordinaria, procedeu como de costume, á leitura da class'a e « caem'burgica » fallando do throno: — « Augustos o Dignissimos Srs. Representantes da Nação. »

O que admira é que S. M. apresente-se de calção e meia de seda naquelle recinto, expondo assim suas angustias e imperiaes pernas ao excessivo da hydrophobia.

E' preciso convir que é muita temeridade.

E chama, *Zé povinho*, chama a quem ouso de... fructo de bananaíra.

E' do que elle não tem nada.

†
O que dirá o Sr. Camillo Castello Branco?

S. S. que leia a *Reforma* e veja ahí na lista dos depoiados provinciaes o Juvenio, aquelle mesmo a quem ousoo, no seu — *Cancioneiro alegre*. — collocar a par de D. Juan, Lovelace, etc.

Em questão de letras, Sr. Camillo' admittimos que o Sr. «metta o queixo,» mas em politica... *est' sabindo*....

Ou então o Sr. ainda ha de ver-se obrigado um dia a — em outro livroinho — apresentar-nos Juvenio em parallelo com lord Grey, Roberto Peel, etc.

†
Os nossos legisladores decretaram a extinção do asylo de Santa Leopoldina.

Vinte é tres moças, que ali trabalhavam em costuras para o Arsenal de Guerra, viram-se repentinamente postar na rua.... digo mal, convenientemente collocadas em casas de familia, perdendo, ao que nos consta, direito á um não pequeno pecullo ali, no asylo, junto por seu trabalho, tão só.

O Sr. Cacique só teve a recolher doze menores; porém como entre estas existissem algumas que não fossem brancas, aquelle santo padre mandou que *procurassem arranjo*, porque entre as suas educandas não queria meninas — *de cor*.

Dar-se ha caso que o *aió* das moças do Santa Theroza tenha tomado a peilo o apuramento da raça caucasea?

Achavamos melhor que offerecesse seus prestimos ao governo que está em vista de estabelecer uma caudalaria no Saycau. Ali, estamos certos que o Sr. Cacique desempenharia perfeitamente as funcções de garanhão de nova especie.

Ah! reverendo, reverendo!

†
A' última hora encommendaram nos um idyllio.... Palavra de honra que estamos tentado!

Quem não conhece idealmente aquelle perfumoso jardimzinho da rua Plumet, tão celebrado por Victor Hugo?

Pois era um jardimzinho assim.

« Ao vento fresco do cabir das tardes » o nosso Mario passava pelas alamedas sombrias pallido e scismador, apoiado ao braço d'ella...

Casette sentia quebrar-se-lhe o talhe na languidez morna da pressão do braço d'elle.

Amavam-se como uns loucos e sorriam como duas creanças a quem os so-

nhos são leves e assetinados como potalas de rosas.

Uma vez elle fez-lhe uns versos — um recitativo. Cantou-o nos rythmos tristes de uma ballada alemã; — doce como o vôo de uma penna, suave como um beijo da lua, a horas mortas, em lagoa do crystal, a voz ia perder-se-lhe ao longo como os echos fragillissimos de uma sardina.

.....
Mas não, estas cousas não se podem escrever em prosa. Perdê-nos quem já se estava interessando por este idyllio; — guardamos-nos para um poema romantico, languido, sentimental, — tão sentimental que faça chorar.... tal e qual como chorou *Bibi* quando leu os — *Martyrios do Coração das Historias Cambiantes*.

Aposto que elle dirá que não.

« Douce larme du soir, perle du sentiment, Que nait dans l'abandon d'un long enchantement... »

Quem fazer-se de um realismo atroz estes poetas e afinal são todos uns chorões.

Rematamos aqui. Si gostaram contem para outra vez com o

Front.

P. S. — Sobre o artigo — *Theatro* — do *Consercedor* da segunda-feira e mais uma errata do dito artigo, inserida em o dia seguinte no mesmo jornal, deixamos a *Bibi* a analysar de tão *saborosos* pedacinhos. Só diremos que nos parece aquillo muito semelhante áquella discurso do celebre — vate — no tal *fantar de barões*:

« Pandemonios exhaureis »

De indeleveis congruencias.... »

F.

EM TEMPO

Podimos ao possos a quem remetemos este periodico, caso não nos queiram honrar com sua assignatura, o obsequio de o devolver á typographia do *Mercantil*, — afim de regularisarmos a entrega e mesmo não termos que recorrer ao *Livro de registro*.

E' bom prevenir.

Aos que se considerarem assignantes, desde já agradece

O PROPRIETARIO.

†

Fecha-se brevemente o theatro lyrico e muito breve ha de abrir-se a Assembléa Provincial.

Do S. Pedro ao edificio da Legislativa a distancia é pequena. Cantase ali, ora-se acolá. E' tudo questão de arte.

Em ambos os casos aquilata-se do merito pelos dotes vocaes.

Assim é que tanto em uma como em outra casa ha toda uma classificação *ad hoc*: tenores, barytonos, sopranos, contraltos baixos etc.

Ambas as emprezas, o que é merito natural, tem seus empresarios: o de uma é o Sr. Setragni, o de outra... é até tolice dizer.

Ha *dilettantis* e não *dilettantis*. Somos do numero destes. Aquelles revelam-se coheredores consumados da arte chromatica e expandem o enthusiasmo em uns admiraveis—oh! ah! Que *dô de peito*!

Dizem que destas notas] se sabe dar o robusto pulmão do Sr. Silveira Martins.

E' por isso que os seus amigos mordem-se surdamente de inveja.

Lá não chegarão. Pôdem emital-o em tudo menos no tal *dô de peito*.

†

A proposito desta expressão, que vai assim passando como contrabando, eis um pedacinho que pôde servir de lição a muito boa gente.

« Querem conhecer o criterio musical do nosso publico em sua maioria? Vão ao theatro lyrico e prestem toda a attenção aos momentos de applausos, verão que só os merece o cantor que dá um grito, por exemplo o tenor quando solta o celebre *dô de peito*. »

« Não deixem tambem de notar as occasiões em que o artista manifesta sua proficiencia, muitas vezes em um *pianissimo* ou em uma phrase magistralmente dita, mas sem gritaria; e verão tudo isto passar desapercibido, de sorte que quando justamente o cantor se torna credor de sinceros applausos, é tratado com tal indifferença, que bem poderia elle dizer: perdi o meu latim »

Ah! como isto é applicavel aos *habitués* do nosso lyrico!

†